

***A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA PARA A DESCOLONIZAÇÃO
DO CONHECIMENTO: O diálogo entre a universidade e a sociedade a partir do Estágio
Interdisciplinar de Vivências de Santa Maria - RS***

***THE IMPORTANCE OF UNIVERSITY EXTENSION FOR KNOWLEDGE
DECOLONIZATION: Dialogue between University and Society through the
Interdisciplinary Internship Experience of Santa Maria - RS***

Autor(es): Eder de Souza; Alisson Vicente Zarnott; Janaína Betto; Tábata Morena Rodrigues Saragoso

Filiação: Alisson Vicente Zarnott

E-mail: eder-de-souza@hotmail.com; alisson.zarnott@ufsm.br; janaina.btt@hotmail.com; tabatasaragoso@gmail.com

**Grupo de Trabalho (GT): GT08. Construção de conhecimentos e inovações
sociotécnicas: da extensão rural aos diálogos interculturais**

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão sobre a descolonização do conhecimento a partir de experiências de extensão universitária, destacando a importância do diálogo entre a universidade e a sociedade, especialmente no contexto do Estágio Interdisciplinar de Experiências em Santa Maria - RS. Através da integração entre a academia e a comunidade local, este estágio promove uma abordagem interdisciplinar que valoriza e respeita o conhecimento local, contribuindo para uma visão mais ampla e inclusiva dos estagiários sobre as áreas rurais e os processos de desenvolvimento rural. Ao induzir os estagiários a provocarem uma introdução a processos sociais reais, essa experiência proporciona uma sólida e enriquecedora formação identitária. Para demonstrar isso, procura-se alinhar teorias como a interdisciplinaridade, a descolonização, a extensão universitária, entre outras, cuja síntese básica se cruza com a necessidade de desfragmentar o conhecimento utilizando diversas formas de conhecimento necessárias para caracterizar a complexidade da sociedade. A partir da rica produção do ser humano como indivíduo social e histórico, buscou-se relatos de experiências e vivências significativas de alunos de graduação e pós-graduação em Assentamentos de Reforma Agrária a partir do referido estágio. Por meio da metodologia de ensino e aprendizagem que emerge das pessoas, o estágio propõe a compreensão de diversas formas de conhecimento, colocando-as em prática em um formato interdisciplinar, enriquecendo a formação acadêmica dos estudantes. Entende-se, ainda, que o ato de disciplinaridade, rotineiramente utilizado no ambiente acadêmico, deve romper os laços de conhecimento fragmentado, incentivando, por meio da extensão universitária, a busca da compreensão do todo e não apenas das partes do que é conhecimento. Por meio da interação e da troca de conhecimentos entre estudantes e comunidades, o estágio fortalece os laços entre academia e sociedade, promovendo uma educação mais inclusiva e participativa. A partir desses aspectos, são construídas as bases para este artigo.

Palavras-chave: Extensão universitária; Diálogo intercultural; Estágio Interdisciplinar de Vivências.

Abstract

This article proposes a reflection on the decolonization of knowledge through experiences of university extension, highlighting the importance of dialogue between the university and society, especially in the context of the Interdisciplinary Experiences Internship of Santa Maria-RS. Through the integration between academia and

the local community, this internship promotes an interdisciplinary approach that values and respects local knowledge, contributing to interns building a broader and more inclusive view of rural areas and rural development processes. By inducing interns to engage with the real processes of society, this experience provides a solid and enriching identity formation. To demonstrate this, a collection of theories such as interdisciplinarity, decolonization, university extension, among others, is undertaken, whose basic synthesis lies in the need to defragment knowledge by using various forms of knowledge necessary to characterize the complexity of society. Stemming from the rich production of human beings as social and historical individuals, narratives of experiences from undergraduate and graduate students in agrarian reform settlements are sought through the mentioned internship. Through the teaching and learning methodology that emerges from the people, the internship proposes the understanding of various forms of knowledge, putting them into practice in an interdisciplinary format, enriching students' academic formation. It is also understood that the act of disciplinarity, routinely common in academic circles, should break the bonds of fragmented knowledge, encouraging, through university extension, the pursuit of understanding the whole and not just the parts of what knowledge entails. Through interaction and the exchange of knowledge between students and communities, the internship strengthens the ties between academia and society, promoting a more inclusive and participatory education. These aspects form the basis for this article.

Key words: University extension; Intercultural dialogue; Interdisciplinary Internship Experience.

1. Introdução

Na busca por atribuir significado ao mundo que nos cerca, nos confrontamos com uma complexidade intrínseca das formas de se fazer conhecimentos, onde tentamos assimilar de maneira coerente e multidisciplinar às necessidades postas para a humanidade. Mas nota-se, que estas se constroem a partir do viés hegemônico predominante, que não atende às necessidades de todas as camadas da sociedade. Quando não, descrita por teorias redutoras, que induzem a desconstrução e fragmentação das compreensões e dos conhecimentos. Destas contradições, se construiu formas de se fazer conhecimentos, seguindo cada vez mais a adoção de vertentes puramente individualistas. O que vem diminuindo o potencial de se ver o mundo pelos variados canais da comunicação e conhecimentos. Nisso, temos que ter a compreensão de que;

[...] nunca é demais lembrar que a mera produção de conhecimento, por si só, não leva ao desenvolvimento sustentável e ético. Se o desenvolvimento econômico pode, eventualmente, ser promovido com boas teorias, tecnologias inovadoras e profissionais competentes, o desenvolvimento sustentável e humano requer mais que isso. Tecnologias, técnicas e teorias não são neutras. Por exemplo, as tecnologias e técnicas utilizadas na construção de moradias, no saneamento básico, no transporte urbano podem favorecer determinados grupos sociais em detrimento de outros; as teorias que orientam o desenho das políticas sociais são quase sempre ideologicamente enviesadas, e a escolha de um desenho ou outro envolve valores imponderáveis, não redutíveis a cálculos precisos (FORPROEX, 2010 apud DEUS, 2020, p.85).

Com o avanço da tecnologia e as imposições neoliberais, percebe-se a configuração de uma certa promiscuidade em relação ao conhecimento e consequentemente a extensão universitária. Além de uma afirmação concreta - mesmo com importantes contribuições que destoam da educação bancária - aos fatos de que os saberes ainda serem construídos por um conhecimento sem saber, afirmado pela estrutura de se implementar por receptores passivos (TOMMASINO et. al, 2022). Pois a falta de criticidade embasada na forma de se fazer

conhecimento rotula o que é conhecimento a partir do fracionamento do mesmo, e das formas de entender a sociedade ao todo. Em cenário conflituoso, o agravamento da questão da extensão universitária deve a desvinculação da obrigação do Estado o comprometimento de construir a extensão universitária, passando tal tarefa para o incentivo privado de ensino (WEBER, 2023, p. 52).

É importante destacar que, as problemáticas aqui levantadas não devem ser encaradas apenas como questões relacionadas ao ato de ensinar e aprender. Elas envolvem questões complexas, marcadas por relações de opressão e desigualdade de poder que permeiam as sociedades ao longo dos séculos, apontando para situação que se encontram as instituições públicas em sua estrutura ativa e autonomia, assim como as suas formas de atender as demandas da sociedade. Nisso, dada a estrutura da universidade como veículo de informações necessárias para a sociedade, deve-se compreender que, estando a universidade imerso a sociedade, não foge às diversas formas de dominação social, o que também não implica de compreender a universidade como espaço que deve ser mantido e também disputado (STEVENAZZI e TOMMASINO, 2017, p. 55)

Dada as problemáticas e da importância de se fazer uma extensão universitária com a sociedade, se cria a partir de 2018, de acordo com Sandra de Deus (2020, p. 75), o que veio a ser uma série de questionamentos, cujo aspecto principal é dado para a estrutura de universidade e o papel da universidade de lidar com as profundas desigualdade sociais da atual sociedade, além de entender a relação entre poder e dificuldades pelo Estado em se fazer presente por meio de políticas públicas.

De acordo com Almeida (2011) na atual sociedade acentua-se que os formatos de se fazer conhecimento na atual corporificação do capitalismo global ou cognitivo, surge de demandas especializadas e em respostas ao então imbricamento entre as estruturas de poderes, saberes e também de espaço. Ao pensarmos tal lógica em relação à extensão universitária, observamos que, responsável por conta de uma ampla gama de afazeres, a centralidade da extensão universitária se apresenta como um faz tudo - da universidade para sociedade - algo que embora é ativo, não apresenta nem um atributo extensionista (DEUS, 2020, p. 55)

O tecnizar dos saberes tem levado à individualização e fragmentação do conhecimento, além de repercutir também no formato de sociedade, fruto do padrão da moral do capital. Além disso, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, prevista no artigo 207 da Constituição Federal de 1988, hoje tem alcançado outro patamar nas universidades, a partir de debates em torno da curricularização da extensão universitária, historicamente relegada a um plano secundário e praticada, principalmente, por profissionais engajados com lutas sociais e com pouco ou nenhum suporte institucional, como afirmado por Sandra de Deus (2020).

Desse modo, pensar a descolonização do conhecimento a partir da integração entre universidade e sociedade torna-se particularmente relevante na atualidade, em decorrência do viés tecnológico que tende a excluir temas não incorporados em bancos de dados, isso estreita as formas de saberes existenciais e propaga predominantemente formas de conhecimento hegemônicas, além dos formatos de sociedade, desarticulando e levando ao desaparecimento de conhecimentos empíricos e culturais. Também se torna pertinente pela relevância que o debate da curricularização da extensão universitária tem pretendido alcançar. Pois a superação do formato da extensão universitária “é explicitada de alguma forma, buscando superar velhos modelos que acompanham a história da própria Universidade e que não necessariamente se adaptam aos sujeitos que hoje a habitam nem às necessidades da sociedade” (STEVENAZZI e TOMMASINO, 2017, p. 59).

Nesse caudal, destaca-se o papel da extensão universitária, especialmente o Estágio Interdisciplinar de Vivências de Santa Maria - RS, como um espaço de diálogo e troca de

saberes. Visto que tal espaço se constrói a partir do incitar de distintos setores da sociedade, em especial, no caso do estágio, a presença de pessoas fora do universo da universidade.

O conhecimento, essencialmente, emerge da interação entre os indivíduos e do contato com a realidade. O acatamento das diferentes formas de saber deve ser recíproco, respeitoso e capaz de preservar não apenas a diversidade, mas também a responsabilidade na transposição de conhecimentos. Nesse sentido, o EIV Santa Maria é um espaço que proporciona uma vivência para estudantes de diferentes cursos de graduação - na posição de estagiários - em contextos sociais de assentamentos de reforma agrária no Rio Grande do Sul. O Estágio Interdisciplinar de Vivências - EIV tem sua primeira edição ocorrida no ano de 1991, no Estado do Paraná, onde a ação foi construída a partir dos esforços do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal do Paraná. Em Santa Maria, a primeira experiência de EIV na UFSM de Santa Maria - RS ocorreu no ano de 1998 (DA ROS, 2004, p. 19).

Neste artigo, serão abordadas questões essenciais sobre o conhecimento e sua fragmentação, além da importância da integração entre a universidade e a sociedade. Para isso, foi utilizada uma metodologia que incluiu uma revisão da literatura em temas como fragmentação do conhecimento, extensão universitária e descolonização do saber. Essa revisão foi complementada pela reflexão com base nas experiências dos estudantes durante várias edições do Estágio Interdisciplinar de Vivências de Santa Maria-RS (EIV). Também foram buscados relatos históricos do primeiro EIV/SM, bem como compartilhadas lembranças do autor¹, que participou ativamente das organizações do EIV/SM desde o XIV EIV/SM em 2017. Além disso, recorreu-se a conceitos teóricos acerca de questões relacionadas à interdisciplinaridade, para aprofundar a compreensão da problemática em questão, conforme discutido anteriormente.

Adicionalmente, foi destacada a importância e os potenciais transformadores do estágio tanto na vida profissional quanto pessoal dos participantes. Exploraram-se as contradições enfrentadas para além das referências teóricas acadêmicas, especialmente em um mundo globalizado.

O objetivo é explorar como o EIV, enquanto espaço de diálogo e troca de saberes, pode contribuir para superar tais desafios, promovendo uma visão mais ampla e inclusiva do mundo rural e dos processos de desenvolvimento rural, e potencializando transformações tanto na vida profissional quanto pessoal dos participantes.

2. A fragmentação do conhecimento e a complexidade do mundo

Como bem pautado por Alves e Bianchi (2021, p. 81), o *modus operandi* da ciência atual em suas premissas faz com que ocorra a hiperespecialização do pensar, fazendo com que o ato de pensar a ciência ocorra de forma fragmentada, levando a um obstáculo de relacionar os saberes e as áreas do conhecimento. Isto porque, bem como aponta Edgar Morin (2010, p. 13, adaptado), que o retalhamento das disciplinas impossibilita compreender o que é o tecido do ensino, segundo o sentido original do termo”. Nisso, o autor argumenta que a fragmentação do conhecimento se distancia da compreensão da complexidade do mundo, pois ao adotar uma abordagem fragmentada, distorce o verdadeiro significado da estrutura da sociedade, além de levar a um certo tipo de atrofiamento das possíveis formas de compreensão e reflexão da realidade a longo prazo (MORIN, 2010, p. 14). Isto porque, a progressão de problemas holísticos não se resolve senão por um pensar multidimensional. Tal

¹ Autor das Sínteses Observadas: Eder de Souza, discente do PPGExR/UFSM e membro da Comissão Política Pedagógica (CPP) durante a última edição do XVIII Estágio Interdisciplinar de Vivências de Santa Maria, de 2024.

dedução se intensifica na atualidade, pois o próprio exercício de pensar desenvolvido pelo ser humano é regido por leis biológicas e históricas, que se fundamenta justamente em ver o mundo por associações e integrações minuciosas.

Devemos compreender também que, as causas que levam o processo de fragmentação do conhecimento têm se intensificado no século XX, a partir de imposições da própria sociedade na figura da globalização e do capitalismo, que assumem tais termos como sendo sinônimos. Isso, pois, dar conta as estruturas postas influem no ideário de decompor e não recompor, o que seria uma ação correta, a fim de eliminar das entrelinhas do conhecimento as possíveis desordens e contradições que coexistem na integração dos saberes (MORIN, 2010, p. 14). Essa forma de interpretar a realidade, segundo o autor, gera uma forma descontrolada do saber, ao descontextualizar e desagrega a compreensão do todo, dando espaço apenas para a de-sofisticação, formalização e a uma abstração dos significados dados às estruturas e ações na percepção humana.

De forma geral, o fácil e o simples contido pela enxurrada de informações apresentadas com advento das tecnologias leva apenas a uma síntese, estamos perdendo o controle do conhecimento pelo excesso de informações, ou como bem pautado por Edgar Morin “Cada vez mais, a gigantesca proliferação de conhecimento escapa do controle humano” (MORIN, 2010, p. 17). O descontrole, ainda segundo Morin, se constitui por aquilo que o teórico aponta como desafio cultural, desafio sociológico e o desafio cívico instaurado pela forma de tipificar o mundo. Tais termos exemplificam em sua magnitude o distanciamento entre as culturas das humanidades da cultura científica, levando a uma incompreensão e abstração entre as formas de linguagens inferidos nessas estruturas. O que, em contrapartida, se afirmar naquilo que Humberto Tommasino 2020 apud Torre 1986 expõem, que a reinvenção do poder e as formas de ajustes na sociedade deve partir predominantemente da participação intensa e decisória da sociedade civil (TOMMASINO et al, 2020).

Compreender a importância de se fazer conhecimento sem rotulações e afunilamentos mostra-se como ponto importante na reprodução do ser-fazer desenvolvidas pela humanidade em reproduzir conhecimento. Sobre a importância de tratar os conhecimentos independentes do local de criação e desenvolvimento, Santos e Hammerschmidt (2012, p. 562) pontuam a partir da Teoria da Complexidade² que, a vida intelectual é indissociável da vida de experiências, pois estando o indivíduo preso às premissas da sociedade, o conhecimento em sua síntese se mostra em constante movimento, por vezes antagônicos em um jogo complexo de ir e vir. Edgar Morin nos lembra que essa complexidade é uma característica fundamental do mundo. O autor ressalta a importância de reconhecermos a interconexão e interdependência dos elementos envolvidos. Mesmo que não alcancemos os padrões estabelecidos pelas sociedades contemporâneas, é essencial abraçar a ideia de que o mundo é intrinsecamente complexo e que uma abordagem multidimensional pode auxiliar a compreendê-lo de maneira mais completa.

As complexidades relacionadas ao conhecimento transmitido são expressas pela “Teoria do conhecimento causal”, conforme apresentado por David Hume (1776). De acordo com Hume, o conhecimento é resultado das experiências vivenciadas e observadas, o que implica que a construção do mundo intimamente ligado às casualidades e percepções individuais só seria assertivo, quando desta ocorrência, ter uma real conexão causal entre as

² A Teoria da Complexidade foi criada por Edgar Morin por volta da década de 1970. Em síntese, tal teoria está relacionada ao entender da fragmentação e reducionismo dos saberes, compreendendo o impacto de reduzir as formas de saberes e personificando na forma de agir da Ciência. DOI <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/download/55676/38993/175549>. Acesso em 25 de março de 2024.

ações e os objetos (TEIXEIRA, 2012, P.79). Assim, essa construção é variável, influenciada pelo contexto histórico e pelas normas estabelecidas pelas classes dominantes, o que tem levado ao empobrecimento e à perda de conhecimentos milenares.

A tendência de um olhar simplista em analisar a sociedade parte historicamente de variados lóculos constituídos e em construção. Para nossa reflexão, observamos tais consequências a partir de um ponto específico, esse porventura se instaura a partir da desarticulação e da aceitação dos saberes do campo, e sua base milenar junto a identidade humana. Nesse sentido, implica-se uma proliferação de conhecimento nas estruturas dos cursos de graduação em que há uma tendência em se limitar o que é o rural e seus “personagens” a uma ideia de espaço de produção do agronegócio.

Para compreender o impacto dos conhecimentos hegemônicos, é necessário repensar o que consideramos como conhecimentos úteis para a humanidade, sem significar, no entanto, um retrocesso no conhecimento acumulado pelas sociedades. Tal pensamento deve-se alinhar com o entendimento de poder presentes na sociedade e nas formas de reprodução dos saberes. Pois, compreender as lógicas que ditam o caminho das sociedades implica numa clara percepção de desumanização, não somente ontológica, como também fruto da realidade histórica, na qual todos os indivíduos se fazem presentes (FREIRE, 2005, p. 32).

Assim, o processo de realinhamento do conhecimento e da ciência não se trata de simplesmente ampliar o espectro das formas de conhecimento existentes, pois isso seria somente dar continuidade ao processo técnico-científico e por consequência incitaria a continuação de criação de *experts* e os saberes fechados por base e esotéricos por natureza (MORIN, 2010, p. 20). No lugar, devemos nos abrir ao resgate e a valorização daqueles conhecimentos que estão em vias de definhamento. Isso implica num primeiro momento em afastar-se da concepção bancária de educação, conforme descrita por Paulo Freire (2005, p. 66), a qual fragiliza o processo de aprendizado ao transformá-lo em algo mecânico, distante do verdadeiro ato de aprender e ensinar.

O pensar no conhecimento incita a construção de um pensamento onde afirmativamente será uma constituição derivada do conhecimento acordado com a ciência científicista, mas também dos saberes histórico-culturais e identitários a partir dos contextos sociais e históricos. Mas o exercício de decompor o que é conhecimento deve ser configurada em sua essência no entendimento de que para construir algo, é fundamental considerar as vivências e relações dos sujeitos para o desenvolvimento de uma possível técnica alinhada com as necessidades da sociedade e que, posteriormente, dividido com seus iguais de uma forma compreensiva, além de fornecer uma liberdade de expressão alinhada com as práticas econômicas, pelas relações de classe e também de poder.

Aqui, compreendemos que o conhecimento é constituído pelas identidades diárias que marcam o indivíduo em sociedade no seu saber-fazer, este, constata suas contribuições de tal forma que a soma das transmissões de saberes engendra para sofisticados modos de diálogos e conhecimentos, e não o contrário, como bem empregam as atuais formas hegemônicas dos conhecimentos vazios e transmitida de forma tecnicizada.

Na busca de compreender os processos comunicativos presentes na América Latina, Jesús Martín-Barbero (2021) dialoga com o tema, ressaltando a necessidade do emprego de aspectos sociais sobre o discernimento da transmissão de mensagens, nesses locais. Para o semiólogo, as construções advindas da sociedade esbarram necessariamente em concretude aspectos identitários do indivíduo em sociedade, esses apresentados pelas mediações culturais, sociais e políticas, colocando assim em xeque o viés individual e tecnicizado hegemônico como um elemento não primário, mas sim uma consequência dos aspectos básicos de comunicação dos indivíduos.

Em meio às atuais demandas no Brasil, a fragmentação do conhecimento, exacerbada pela hiperespecialização e pelas imposições da globalização e do capitalismo, ganha contornos ainda mais preocupantes. Tal fragmentação não apenas distorce a compreensão da complexidade do mundo, mas também perpetua a exclusão dos saberes das populações marginalizadas, evidenciando as relações de classe e de poder presente na produção e disseminação do conhecimento. Não obstante, entende-se que o contato dos estudantes com realidades sociais distintas dos discursos hegemônicos acerca do rural, tem um potencial de qualificar seus conhecimentos e incentivar potentes diálogos na universidade, inclusive acerca da geração de práticas e tecnologias mais condizentes com os contextos rurais.

Ao refletirmos sobre a fragmentação do conhecimento e suas implicações na compreensão da complexidade do mundo, torna-se evidente a necessidade urgente de descolonizar o saber. A hiperespecialização na ciência contemporânea, ao dificultar a integração entre diferentes domínios do saber, perpetua a exclusão dos saberes das populações marginalizadas. No entanto, a interação entre a universidade e a sociedade, exemplificada pela extensão universitária, pode oferecer uma via promissora para enfrentar esse desafio. O Estágio Interdisciplinar de Vivências de Santa Maria-RS, ao valorizar os saberes locais e promover uma compreensão mais ampla e inclusiva do mundo rural, ilustra o potencial transformador dessa integração. Assim, é crucial repensar as práticas acadêmicas e promover uma abordagem mais holística e democrática do conhecimento. Na sequência exploraremos o papel da extensão universitária na descolonização dos saberes, oferecendo possíveis saídas concretas e transformadoras para se pensar as questões levantadas aqui.

3. Extensão Universitária e Descolonização do Conhecimento

A luz e a verdade não pertencem a ninguém, e é melhor que assim seja. Igualmente, a luz não pode ser propriedade de ninguém – vive no brilho dos olhos das crianças, nos reflexos do sol na água e na pele das folhas das árvores nos bosques (Marin, 2009, p. 7).

Preso às instâncias que caracterizam o ser e estar em universidade, o âmago deste tópico, é crucial elucidar o significado teórico subjacente aos termos “extensão universitária” e “descolonização do conhecimento”. A extensão universitária transcende os limites tradicionais da academia, estabelecendo uma ponte entre a universidade e a sociedade. É um processo interdisciplinar e político que visa promover a interação entre diferentes saberes e práticas, valorizando as experiências vividas pelos diversos grupos sociais. Por outro lado, a descolonização do conhecimento emerge como um movimento crítico que questiona as hierarquias e assimetrias de poder presentes na produção e disseminação do saber. Ela propõe uma descentralização do conhecimento, reconhecendo e valorizando as epistemologias não hegemônicas, especialmente aquelas provenientes das populações historicamente marginalizadas.

A extensão universitária no Brasil enfrenta novos desafios em sua trajetória, especialmente no que diz respeito à sua relação com a sociedade e à produção de conhecimento. Segundo Sandra de Deus (2020), a prática extensionista - historicamente associada à ação de profissionais engajados com lutas sociais e sem suporte institucional - hoje assume outro patamar, que direciona a duas universidades possíveis, uma fechada em si e outra que aposta na articulação com a comunidade e, com isso, cria-se e recria-se.

Ao assumir um caráter mais institucional, a extensão universitária encontra novos desafios, como a compreensão do papel da universidade, a disponibilidade de recursos, o estabelecimento de prioridades e o desafio de produzir mudanças na própria lógica da

trajetória institucional. Sobretudo, no que tange à produção do conhecimento científico, desde o diálogo com os conhecimentos e as realidades encontradas em contextos sociais variados, a exemplo de assentamentos da reforma agrária. Essa reflexão é essencial para compreendermos como a extensão universitária pode contribuir para uma visão mais inclusiva e plural do conhecimento, valorizando os saberes locais e tradicionais.

A descolonização implica em questionar o cientificismo acadêmico, que tende a marginalizar saberes tradicionais em detrimento de uma visão tecnicista do conhecimento. Essa abordagem visa promover uma interação mais inclusiva e transformadora entre a universidade e outros setores da sociedade. A abordagem da relação entre o saber local e o conhecimento considerado “universal”, muitas vezes imposto pela cultura dominante, é nossa principal referência para a proposição teórica da descolonização do saber (Marin, 2009, p. 7).

Há, portanto, um desafio posto à universidade brasileira, o de repensar os seus fazeres na atualidade, de maneira com que a sua relação com a sociedade cumpra efetivamente os compromissos em torno do conceito de extensão que, segundo Sandra de Deus (2020, p. 26), trata-se de “um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade”. No entanto, apesar de certo acúmulo sobre a extensão universitária, há uma carência de contextualizações em torno dos caminhos possíveis para sua efetivação como uma política central para a universidade, bem como acerca de suas implicações em fazer com que diferentes saberes e seus detentores afetem a estrutura acadêmica e o teor do conhecimento que as universidades produzem.

Diante dos desafios enfrentados pelas relações de classes e das políticas direcionadas também ao desenvolvimento da extensão universitária, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem que vá além do cientificismo fragmentado e desconectado das realidades sociais, especialmente das populações do campo, como os assentados pela reforma agrária. Nesse contexto, a universidade se depara com a urgência de promover uma extensão que dialogue de forma efetiva com essas comunidades, valorizando seus saberes e necessidades específicas.

As políticas voltadas para a extensão universitária devem ser pautadas pela inclusão e pela promoção da diversidade, reconhecendo as desigualdades existentes e buscando formas de superá-las, bem como a forma com que isso influencia a produção do conhecimento nas universidades, por vezes reforçando tais desigualdades. Isso implica em repensar não apenas os métodos de ensino e pesquisa, mas também as próprias estruturas acadêmicas, de modo a garantir uma participação efetiva das comunidades e uma produção de conhecimento mais plural e contextualizada.

A atual conjuntura da universidade, marcada pela hegemonia do cientificismo fragmentado, reforça a necessidade de uma mudança de paradigma. É preciso superar a visão tecnicista do conhecimento e reconhecer a importância dos saberes locais e tradicionais, especialmente no contexto das populações do campo. Desta forma será possível construir uma universidade verdadeiramente transformadora, capaz de promover o desenvolvimento e a justiça social em todas as esferas da sociedade, tendo na extensão universitária um braço importante para tal.

4. Experiências do Estágio Interdisciplinar de Vivências de Santa Maria-RS

O Estágio Interdisciplinar de Vivências (EIV) realizado por estudantes da Universidade Federal de Santa Maria promove a integração entre diferentes saberes ao proporcionar aos estudantes universitários de distintas áreas do conhecimento um contato

direto com a realidade do mundo rural. Pois, o pensar-agir do estágio perpassa a síntese articulada para a formação acadêmica, reforçando de forma mais exata uma extensão universitária que respeite o ir e vir dos conhecimentos, e que, ao mesmo tempo, discute e vivência um processo de desarticulação da estrutura fechada do meio acadêmico atual. Nesta compreensão, observa-se também a contradição do atual modelo de educação, de base tradicional a impressiva, que apresenta aspectos de dominação, visto que, “ao invés de libertar o homem, escraviza-o, redu-lo a coisa, manipula-o, não permitindo que ele se afirme como pessoa, que atue como sujeito, que seja ator da história e se realize nesta ação fazendo-se verdadeiro homem” (CHONCHOL, 1982, p. 13)

Todo o processo de ocorrência do EIV de Santa Maria coexiste por uma aproximação social. Isto, pois, as bases de existência do EIV/SM surgem a partir das necessidades identificadas pelo Movimento Estudantil, na figura da Federação de Estudantes do Brasil - FEAB, de proporcionar um maior contato dos estudantes com a realidade agrária do país. Essas bases para criação do EIV se deram a partir do olhar conjugado de estudantes, presentes nas distintas áreas da ciência, que integraram na sua formação conhecimentos técnicos acerca da compreensão das plantas, das pessoas que ali vivem e também a compreensão das relações que associam a existência do agrário e agrícola e as premissas que reforçam a estrutura social no rural.

Além disso, leva-se em consideração no EIV a importância de se conhecer as relações de poder, figurada por distintas formas de atuação sobre as sociedades, e consequentemente os aspectos que as estruturas da sociedade devem adquirir. Dando assim a possibilidade de ir além do currículo, gerando uma possibilidade relatada e expressa na seguinte estrutura:

“Além de induzir e despertar a indignação sobre os problemas fundiários e da sociedade a um todo, o EIV induz aos seus estagiários a provocação de introdução aos reais processos da sociedade, levando a indagar a seguinte proposta: ser a favor do modelo de desenvolvimento hegemônico, que cada vez mais excluem das pessoas o direito de uma vida digna, contribuindo com esse, ou levar a um posicionamento contrário, se contrapondo com ações concretas as estruturas impostas” (Relatório de estágio n.4, 1998).

Referenciando a relação temporal dos relatos sobre o impacto do EIV/SM - descrito pelos relatos de 1998 e as reflexões a partir da edição do estágio de 2024 - observa-se que as demandas estudantis pouco destoam, visto que na última edição ocorreram processos de vivências e imersão também em acampamentos. Destas, as vivências tiveram um impacto emblemático, pois a partir dessa ação, foi colocado a prova o desafio que é ser sem terras na conjuntura social atual, visto que as precariedades do acampamento soaram, a partir de relatos, num sentido de impotência e de como o mundo acadêmico, frente às suas premissas, não resguarda um espaço de compreensão do que é ser pobre e ter que vivenciar sofrimentos físicos e psíquicos para obter um pedaço de terra. Contudo, estruturado para uma reflexão mais profunda, a socialização entre os estagiários e comissão político pedagógica guarda em sua estrutura ferramentas para ir além do impacto subjetivo dos indivíduos frente às dificuldades observadas. Esse processo se fez necessário para os estagiários terem a possibilidade de desconstruir formas prévias de entendimento sobre processos sociais sem ter vivência na realidade, assim como, compreenderem a importância das instituições públicas como incisivas para atenuar essas formas de realidade desigualitária. Isso, pois, a procura por ações periféricas na universidade, como o caso do EIV/SM, parte dos próprios estagiários. Nestes já se tem uma construção crítica ao meio acadêmico que os influencia, com a observação da precariedade tida na universidade aos debates conjuntos com a sociedade, em especial as comunidades mais carentes e pouco amparadas pelas políticas públicas do estado.

O processo de desconstruir estruturas mentais, frente a sociedade, e o ato de se sentir provocado em enxergar as contradições da sociedade diz um pouco o que é participar de algo que tire as vendas das diferenças sociais, e que, ao mesmo tempo, instiga a constituição da consciência de classe nos subconscientes dos indivíduos que se propõem construir o EIV/SM. Isso Percebendo as contradições da universidade com a extensão universitária no século XVI, a partir de um relato, de um então estagiário presente no XVIII EIV/SM que se alojou em um assentamento na reforma agrária. Nesse, o estagiário argumenta;

“Em toda precariedade ali vista, deveríamos nos culpar e exigir um mundo que fosse para todos. Foi complicado observar a realidade nua e crua. O modo de vida das pessoas acampadas deveria resultar em sofrimento e adoecimento destas. Contudo, tinha algo diferente nessas pessoas, seus olhos brilhavam, não tinha adversidades que lhes paravam, frente ao sonho e propósito de estarem. Suas ações em coletivo eram totalmente diferentes do que esperamos de pessoas que estão tendo problemas na sociedade, mas que não abandonam da luta coletiva um modo de se fortalecerem e mudarem a realidade agrária do Brasil” (Socialização do XVIII EIV/SM, 2024).

Através desse relato, percebemos o quanto a percepção acerca das reais formas que vive a sociedade passa por uma distorção, não apenas para a sociedade a partir das mídias existentes, mas também nos propósitos filosóficos da própria universidade. As posturas ditas morais e éticas, segundo os ensinamentos das universidades atualmente, forçam a um não abraçar os aspectos e diferenças sociais. Em contrapartida, ações contra hegemônicas, como o EIV, mesmo partindo do interior dos centros acadêmicos, bebem de outras fontes, as fontes do real compromisso social de pensar também na universidade projetos de sociedades alternativas, inspirando-se, sobretudo, nas ações que emergem de sujeitos sociais em situação de vulnerabilidade, mas também de resistência no meio rural.

No processo da formação superior é constatado, atualmente, a priorização de uma formação puramente técnica, estruturando-se como uma formação acadêmica desconexa, criando, como consequência, figuras de profissionais sem ligação com os reais anseios sociais, além de se construir como formações pautadas no estranhamento dos próprios profissionais, formados em meio a uma falta de uma perspectiva e ações integrativas à sociedade. E que por fim, criem um ideário onde a formação para atuação sobre o mundo do capital e não no mundo do social e suas demandas, como exposto no seguinte relato, que se faz presente, ainda:

“Creio que para a mudança de concepção do que é ser um profissional atuante, é necessária uma formação puramente identitária das necessidades do povo. A universidade tem que se vestir de povo e descer do pedestal onde se encontra. Nisso, não basta se fazer presente de forma impositiva, mas sim, compreender que os conhecimentos e vivências que vem dos assentamentos também é construção humana, logo, deve, ou deveria fazer parte da universidade. Tendo dito que a universidade é feita do povo para o povo” Socialização do XVIII EIV/SM, 2024).

Para tal, o EIV, metodologicamente, tem importantes contribuições. O processo multidisciplinar, base para o refletir além dos anseios curriculares, atribui a possibilidade de compreender as demandas subjetivas, introduzindo pautas formativas, durante a primeira fase do estágio (Fase de Formação), assuntos referentes a identidades, exclusões sociais, temáticas raciais e também uma formação política e cidadã (Projeto EIV/SM, 2024), além, principalmente, de um estudo aprofundado acerca da estrutura agrária brasileira. O que pode ser compreendido com uma maior nitidez no seguinte relato;

“Na minha vivência, estive com uma família que produzia de tudo praticamente, de forma orgânica e ecológica. Isso me deixou bastante curioso e desacreditado. Refletindo nos ensinamentos da academia, para ter uma produção nesse nível, é esperado que as pessoas sejam muito instruídas de forma e que tenham formações variadas, para atender esse tipo de relação com a terra e suas produções. Ali pude visualizar a familiar produzir chás, verduras, ervas e outras variadas produções agrícolas de forma assertiva e técnica. O que de certa forma contrapõe as reais formações e técnicas empregadas por essas famílias, visto que as reais bases técnicas usadas por essas famílias advinham do saber tradicional, por vezes passadas por gerações” (Socialização do XVIII EIV/SM, 2024).

Os principais aspectos que marcaram o EIV/SM, ao longo de sua existência como uma ferramenta de construções e desconstruções, foram a problematização relacionada à falta de debates e atenção, dentro da academia, às sociedades rurais e suas multiplicidades de formas de existência. Esse aspecto anterior se constitui como maior problema e também de superação relatados, nas avaliações do estágio. Tais perspectivas podem ser observados nos seguintes relatos, conjugados,

“O EIV/SM se constitui como sendo uma proposta de alinhamento a uma formação profissional mais crítica as realidades sociais, possibilitando o engendrar de uma vinculação direta da universidade com as também parcelas marginalizadas da sociedade, a partir das estruturas do sistema econômico vigente e dominante [...]”. “Além de servir como agente de introduzir a importância de se fazer a análise conjuntural do país em seu âmago, não deixando ninguém de fora” (Relatório de I EIV/SM n.º 2, 1998; Socialização do XVIII EIV/SM, 2024)

Sabendo a importância de ir além de uma formação atrelada às demandas do mundo do trabalho pela égide do Capital, o EIV aposta no uso de uma metodologia de ensino e aprendizagem que emerge do povo, e é traduzida na estrutura dos movimentos sociais na figura do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST. Desse modo, figura o método construído para o Instituto Josué de Castro. Esse de acordo com NUNES et. al (2013, p. 2), o uso metodológico para ações formativas, tem em seu uso o sentido de construir novas concepções de educação que superem a simples lógica mecânica de aprender e ensinar. Levando assim, à construção de uma ação que debatesse não simplesmente as questões técnicas.

Conduzindo à superação da técnica produtivista *versus* sociedade, o EIV/SM historicamente, a partir do seu aparato metodológico de ação, propõe e salienta a quebra das amarras que proliferam na fragmentação dos saberes. Para tal quebra, as estruturas dos EIVs se preocupam em levar os estudantes a pensar além dos números, pensar que além do concreto é mensurável pelo mundo do trabalho e do capital, acatando a existência das emoções, sentimentos e inspirações. Nessa estrutura,

“A descoberta das relações mútuas e a sensibilidade para com a sociedade e afirma como proposta de um profissional da sociedade para sociedade que, para além de suprirem as demandas produtivas e técnicas, as profissionalizações e as instituições acadêmicas devem colocar em rotina ser formados e formar com o comprometimento das causas sociais, visualizando o embate e as contradições de forças da sociedade, levando assim, ao exercício de discussão para uma sociedade nova e justa” (Avaliação de estágio, 1998, A).

Na figura das populações assentadas pela reforma agrária brasileira, o engendramento do estágio “propôs” e ainda propõe a compreensão de variadas formas do conhecimento, colocando-as em prática num formato interdisciplinar, e por vezes transdisciplinares. O alinhamento dos sentimentos e os cuidados com o coletivo, algo valorizado pelo método

adotado, se traduz para o ato ativo do EIV/SM, como uma formação sem amarras e fracionamentos, justamente por ajudar a entender o conhecimento em outras óticas.

Além disso, o EIV se destaca principalmente por sua abordagem metodológica que prioriza a interação e a troca de saberes entre estudantes e comunidades. Ao romper com a lógica tradicional de ensino-aprendizagem e adotar uma abordagem participativa e colaborativa, o estágio permite não apenas a aquisição de conhecimentos técnicos, mas também o desenvolvimento de habilidades interpessoais e a sensibilização para as necessidades e demandas reais das populações rurais. Essa metodologia centrada no diálogo e na práxis promove uma educação transformadora, capaz de transcender os limites da academia e contribuir efetivamente para o desenvolvimento das áreas rurais. Essa constatação foi observada na socialização, pelo seguinte relato;

“Achei que iria para uma família e iria vivenciar apenas a terra e o modo de ser diários com a família, em suas rotinas de trabalho, como qualquer outra família que mora no rural. Contudo, vivenciar coisas bem mais profundas que isso, pude apreender o ser com a terra por distintas óticas. Pude auxiliar a família a lidar com a terra, como o leite, mas também, pude sair quase sempre para ir conversar com demais pessoas da comunidade do assentamento, fazendo com que eu absorvesse de todas essas pessoas uma biblioteca de informação” (Socialização do XVIII EIV/SM, 2024).

Na perspectiva de apresentar além da importância da terra, o EIV proporciona uma formação humana, visto que historicamente a luta da reforma agrária é conduzida por multidões e não apenas indivíduos isolados. Essa construção leva à imersão de outros aspectos inerentes à sociedade, que pouco é proporcionada pelas universidades. Sobre o impacto da relação entre as pessoas no campo e a importância dessas estruturas para a construção de uma outra sociedade, foi feita uma intervenção por parte de uma estagiária com o seguinte relato;

“Estando com a família, pude construir minha concepção de política na sociedade e a importância deste para a também formação acadêmica. Fiquei na casa de pessoas lideranças estaduais do Movimento MST, e essa vivência me mostrou algo muito importante, como o ser político pode romper barreiras difíceis de se romperem atualmente. Pude ouvir relatos de uma liderança feminina, do movimento. Essa liderança relatou que o ato de usar a luta dos movimentos sociais proporciona a ela a possibilidade de uma mulher poder ditar temas e afazeres para grupos de homens, desfragmentando toda carga patriarcal que a sociedade tem. Além disso, o fato de eu ser uma mulher na academia, de certa forma coagida, e poder observar que a forma de organização nos assentamentos possibilita oportunidades de uma mulher sediar uma cadeira principal em uma reunião me deu certo propósito e reforçou que tais premissas do MST pode florescer e romper as cercas que cerceiam a liberdade de grupos minoritários na sociedade” (Socialização do XVIII EIV/SM, 2024).

A experiência do Estágio Interdisciplinar de Vivências em Santa Maria representa um marco na integração e na desconstrução das fronteiras entre diferentes saberes acadêmicos. Ao oferecer aos estudantes universitários um contato direto com a realidade do mundo rural e seus paradigmas, o EIV não apenas desafia a fragmentação do conhecimento, mas também transforma profundamente a percepção dos participantes sobre o campo e os processos de desenvolvimento rural. Esse contato vivencial não se limita à mera observação, mas simula uma imersão completa nas dinâmicas sociais, econômicas e culturais das comunidades rurais, possibilitando uma compreensão holística e contextualizada das questões envolvidas, sobretudo, na segunda fase do estágio, em que os estagiários são enviados para diferentes

regiões do estado, onde passam um período nas casas das famílias assentadas, acompanhando seus cotidianos de trabalho e de vida.

No contexto geral, o Estágio Interdisciplinar de Vivências em Santa Maria reafirma a importância da extensão universitária como um espaço de diálogo e transformação social. Ao incentivar o engajamento dos estudantes em experiências práticas e significativas, o EIV fortalece os vínculos entre a universidade e a comunidade, promovendo uma relação mais horizontal e colaborativa entre academia e sociedade. Dessa forma, o estágio não apenas amplia as perspectivas dos estudantes, mas também contribui para a construção de uma educação mais inclusiva, participativa e comprometida com a promoção do bem-estar coletivo.

O que se tem observado durante o EIV, é, a um primeiro momento, que os estudantes com foco no capital e na formação técnica tendem a enxergar a sociedade rural e urbana de maneira dicotômica, muitas vezes associando o rural ao atraso, pobreza e falta de desenvolvimento, enquanto o urbano é visto como o epicentro do progresso, da modernidade e das oportunidades. Essa visão superficial pode ser entendida como reflexo de uma formação acadêmica que prioriza o conhecimento técnico-produtivo em detrimento da compreensão das complexidades sociais e ambientais permeiam tanto o campo e que poderiam contribuir para os estudantes o verem como um espaço de vida e potencial para se pensar questões produtivas, mas também sociais e ambientais.

No entanto, ao participarem do Estágio Interdisciplinar de Vivências (EIV), muitos estudantes são confrontados com uma realidade muito diferente daquela que imaginavam. Eles têm a oportunidade de vivenciar de perto as dinâmicas sociais, econômicas e culturais das comunidades rurais, o que os leva a questionar suas concepções prévias e a reconhecer a interdependência entre esses dois espaços. Ao perceberem as desigualdades, injustiças e desafios enfrentados no contexto rural os estudantes começam a compreender a importância de uma abordagem mais holística e integrada para lidar com as diversas questões que se apresentam nesse espaço, sociais e ambientais, como problemas no acesso a serviços básicos ou problemas decorrentes das mudanças climáticas, para citar exemplos. E, principalmente, que essas questões devem também ser foco das pesquisas realizadas na universidade e da atuação dos profissionais que se formam nelas.

Nesse contexto, os estudantes, especialmente aqueles advindos de cursos das ciências agrárias, entram no estágio com anseios de aplicar seus conhecimentos técnicos para promover o desenvolvimento rural, mas acabam saindo do estágio com uma compreensão mais ampla e crítica do papel que podem desempenhar na transformação da sociedade na totalidade, inclusive com muitos questionamentos e dúvidas que incitam a busca por seguir aprofundando estudos e experiências em torno do mundo rural. Eles percebem que a formação acadêmica não se resume apenas à aquisição de habilidades técnicas para soluções produtivas pontuais, mas que também envolve o desenvolvimento de uma consciência política, ética e social, capaz de promover mudanças significativas em suas comunidades.

Dessa forma, o EIV não apenas complementa a formação acadêmica dos estudantes, mas também os prepara para enfrentar os desafios complexos do mundo contemporâneo com empatia, comprometimento e responsabilidade, menos centrado em soluções técnicas pontuais e mais voltado ao pensamento do todo, à importância de pensar ações de desenvolvimento rural mais inclusivas e duradouras.

5. Considerações Finais:

O contato de estudantes universitários com contextos de assentamentos da reforma agrária desempenha um papel crucial na descolonização do conhecimento. Ao vivenciarem diretamente a realidade rural e os desafios enfrentados pelas comunidades, os estudantes têm a oportunidade de questionar e transcender os paradigmas acadêmicos tradicionais, muitas vezes centrados em perspectivas tecnicista e pautado nas lógicas urbanas, uma forte herança do processo de modernização conservadora da agricultura (Delgado, 2012). Esse contato promove uma ampliação e transformação nas formas de entender e analisar o mundo e a sociedade, permitindo aos estudantes enxergar além das fronteiras impostas pelos currículos, grades curriculares e discursos hegemônicos e com alto grau de interesses produtivistas, ditado pelo capitalismo.

A extensão universitária, nesse contexto, se apresenta como um espaço privilegiado de diálogo e transformação social. Por meio de ações como o Estágio Interdisciplinar de Vivências (EIV), os estudantes têm a oportunidade de romper com as barreiras entre a academia e a sociedade, engajando-se em experiências práticas e significativas que transcendem o ambiente acadêmico. Essa interação direta com as comunidades rurais não apenas amplia o repertório de conhecimentos dos estudantes, mas também os sensibiliza para as questões sociais, econômicas e ambientais que permeiam o mundo rural.

Assim, a descolonização do conhecimento ocorre não apenas pela desconstrução de conceitos pré-estabelecidos, mas também pela construção de novas formas de conhecimento, baseadas na interação e na troca de saberes entre diferentes atores sociais. A extensão universitária, ao promover esse diálogo horizontal e inclusivo, se consolida como uma ação e de transformação social, capaz de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e sustentável. No entanto, é importante ressaltar que há ainda muito a ser explorado e aprimorado. Novas temáticas e perspectivas podem ser incorporadas, incluindo uma maior reflexão sobre a diversidade cultural, os desafios da inclusão social e as questões de gênero e raça, entre outros temas relevantes para a construção de um conhecimento verdadeiramente descolonizado e emancipatório.

Uma sugestão concreta para exemplificar como o estágio facilita o diálogo entre o cientificismo acadêmico e os saberes tradicionais, e consequentemente a extensão universitária, se dá pela realização de projetos que prezam na sua existência a possibilidade de experienciar diretamente a realidade rural. Pois no EIV os estudantes universitários trabalham em colaboração com membros da comunidade local, incluindo agricultores familiares, líderes comunitários e representantes de movimentos sociais, criando assim uma abordagem de base participativa e colaborativa entre a universidade e a sociedade.

Por meio desse diálogo entre academia e comunidade, os estudantes têm a oportunidade de compartilhar seus conhecimentos teóricos e metodológicos, enquanto aprendem com a experiência prática e o saber acumulado pelos moradores locais. Essa troca de saberes resulta em uma produção de conhecimento acadêmico mais abrangente e contextualizada, que atende às necessidades reais da comunidade, centrada principalmente no desenvolvimento da consciência política e social.

A busca constante por aprimoramento e ampliação de horizontes é essencial para garantir que a extensão universitária cumpra seu papel de agente transformador na sociedade. Nesse caudal, afirma-se que experiências históricas como o EIV-Santa Maria, que se propõe à mudança de paradigmas para além das epistemes dos atuais formatos de se fazer conhecimento e a universidade, deve ser tomada como potente exemplo que pode auxiliar no processo de se pensar uma extensão universitária transformadora, centrada principalmente na valorização da cultura local, de acordo com espaço geográfico referenciado, e na importância da aproximação da universidade com a sociedade, como meio de garantir uma produção de

conhecimento que considere as necessidades das populações rurais e aponte para ações que se fazem necessárias para a consolidação de uma sociedade construída por todos e para todos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, J. Geopolíticas e descolonização do conhecimento. **Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFES**, v. 1, n. 1, 2011. DOI: <https://periodicos.ufes.br/snpgcs/article/view/1482>. Acesso em 26 de mar. de 2024.
- ALVES, E. A.; BIANCHI, Cintia. O pensamento complexo de Edgar Morin e a religação dos saberes. **Ponto-e-Vírgula**, n. 29, p. 80-96, 2021. DOI: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/39674>. Acesso em 26 de mar. de 2024.
- CHAGAS, D. A. Relatório do Estágio Interdisciplinar de Vivências. **Relatório de estágio enviado para Avaliação do Projeto EIV/SM**, Universidade federal de Santa maria, 1998. n°2.
- DA ROS, C. A. Aspectos históricos do surgimento e expansão dos estágios interdisciplinares de vivência no movimento estudantil. In: Cartilha: **Cartilha da Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil**, 2004.
- DELGADO, Guilherme Costa. **Do capital financeiro na agricultura à economia do agronegócio**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2012.
- DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO AGRÍCOLA E EXTENSÃO RURAL - DEAER; UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - UFSM. Estágio Interdisciplinar de Vivências, **Projeto de Extensão n.º 0334000 (2020 - 2025)**. 2024.
- DEUS, S. **Extensão universitária: trajetórias e desafios**. Santa Maria-RS: Ed. PRE-UFSM, 2020.
- ESBER, L. M. Relatório do Estágio Interdisciplinar de Vivências. **Relatório de estágio enviado para Avaliação do Projeto EIV/SM**, Universidade Federal de Santa Maria, 1998. Relatório n°3.
- STEVENAZZI, F. TOMMASINO H. Universidade e integralidade, algumas reflexões sobre processos busca e transformação, In: **Fronteiras Universitárias no Mercosul: debates sobre avaliação nas práticas de extensão**. - **Editorial da Faculdade de Filosofia e Letras**. Universidade Nacional de Córdoba, 2017, 1º ed. 163 p.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro, **Paz e Terra**. 2005.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. O que a pesquisa latino-americana de comunicação deve ao Brasil: relato pessoal de uma experiência intercultural. **MATRIZES**, v. 15, n. 2, p. 127-146, 2021.
- MARIN, J. Interculturalidade e descolonização do saber: relações entre saber local e o saber universal no contexto da globalização. **Revista Espaço Pedagógico**, [S. l.], v. 16, n. 1, 2017. DOI: 10.5335/rep.v16i1.7447. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/7447>. Acesso em: 28 mar. 2024.
- MORIN, E. MÉTODO, O. A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento; tradução Eloá. **Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, [2002]**, 128 p. 2010.
- NUNES, C. F.; NEUMANN, P. S. et. al. A aplicação do Método Pedagógico do Instituto Josué de Castro no X Estágio Interdisciplinar de Vivência, **FEAB**. 2013. DOI: <https://feab.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/09/aplicac3a7c3a3odomejc10eiv.pdf>. Disponível em: <https://feab.wordpress.com/>. Acesso em: 01 abr. 2024.
- OLIVEIRA, A. E. Relatório do Estágio Interdisciplinar de Vivências. **Relatório de estágio enviado para Avaliação do Projeto EIV/SM**, Universidade Federal de Santa Maria, 1998. Relatório n°4.
- SOUZA, E. Avaliação do Estágio Interdisciplinar de Vivências. Avaliação em grupo do Projeto EIV/SM, Universidade federal de Santa maria, 2024. Avaliação n°1.

SANTOS, S. S. C.; HAMMERSCHMIDT, K. S. A. A. complexidade e a religação de saberes interdisciplinares: contribuição do pensamento de Edgar Morin. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 65, p. 561-565, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672012000400002>. Acesso em 25 de mar. de 2024.

STEVENAZZI, F; TOMMASINO, H. Universidade e integralidade, algumas reflexões sobre processos, busca e transformação. In: Editora da Faculdade de Filosofia e Letras, (1º ed.), **Fronteiras Universitárias no Mercosul: Debates sobre avaliação nas práticas de extensão**, p. 55 - 72. Córdoba: Universidade Nacional de Córdoba.

TEIXEIRA, M. H. B. A formação do conceito de causalidade em David Hume. **Revista Científica do Centro Universitário de Araras** “Dr. Edmundo Uison”, V. 6, n.1 2012. DOI: <https://www.redalyc.org/journal/1430/143068488013/143068488013.pdf>. Acesso em 29 de mar. de 2024.

TOMMASINO, H.; BIANCHI, D.; GANDOLFO, A. A práxis de Paulo Freire: algumas de suas contribuições para o surgimento e consolidação da Extensão Crítica nas Universidades Públicas da América Latina. **Les dossiers des sciences de l'éducation** , n. 44, pág. 85-99, 2020.

WEBER, G. R. Extensão Universitária no Cenário Brasileiro Contemporâneo: Análise de Planos de Desenvolvimento Institucional das Universidades Federais de Santa Maria. Rio Grande do Sul e Pelotas. 2023, 124 p. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria.